

SAÍDA BRASILEIRA PARA A CRISE

Celso Furtado propõe uma solução diferente da recessão dos países ricos

— O País chegou a um impasse de não poder mais pagar sua dívida, a não ser fazendo mais dívida. E, no governo atual, não se vê sequer uma discussão ampla do assunto.

São palavras do professor e economista Celso Furtado, ao lançar ontem, no auditório da Fundação Getúlio Vargas, seu novo livro "A Nova Dependência (Dívida Externa e Monetarismo)", em que houve um debate sobre as questões levantadas pelo professor com os economistas Adroaldo Moura da Silva, Luís Antônio Oliveira Lila, Luciano Coutinho e Luiz Carlos Bresser Pereira.

Para Celso Furtado, é preciso substituir o modelo exportador, "que vai exigir muito sacrifício do povo", pelo fortalecimento do mercado interno. A sua esperança para que haja esta substituição é de que o Congresso Nacional eleito a 15 de novembro crie uma comissão pluripartidária para discutir e aprovar uma nova política econômica.

Segundo Celso Furtado, o principal assunto de seu livro está indicado no subtítulo "Dívida Externa e Monetarismo", que reflete a atual política econômica do Brasil e levanta questões fundamentais como: "Será que a recessão é a única saída para este momento? Que consequências ela trará para um país onde a população economicamente ativa crescerá em dez

milhões de pessoas de 1981 até 1985? Ou ainda: será possível passar cinco anos com a economia parada?"

O ex-ministro lembra que o governo tenta conter a inflação e equilibrar o balanço de pagamentos. "Mas já se passaram dois anos (desde que o governo adotou a atual política), a inflação se agravou e a dívida externa continua crescendo".

Isso porque não há qualquer identidade da economia brasileira com a economia dos Estados Unidos ou da Europa Ocidental. A nossa é típica de um país subdesenvolvido e precisa ser tratada de maneira bastante diferente.

Frisou que não adianta apenas reduzir as importações, porque a inflação brasileira resulta em grande parte do excesso de gastos públicos, "que só podem ser modificados com um planejamento mais amplo. Nossa inflação resulta de uma enorme massa de subsídios ao setor privado".

"Recessão não resolve"

Deve-se ainda considerar que a recessão agrava essa situação à medida em que provoca aumento de custos e redução da demanda. Além disso, "os juros foram elevados intencionalmente pelo governo quando este reduziu a disponibilidade de caixa dos bancos, através de medidas como o depósito compulsório e cotas de empréstimo para o setor agrícola, fazendo com que o Brasil tenha os mais elevados spreads e taxas reais de juros do mundo".

Por isso, "a recessão não é médio para equilibrar a balança de pagamentos. Ao contrário, enfatizou que é preciso renegociar a dívida "para tirar a corda do pescoço e poder arrumar a casa".

Furtado acha que, paralelamente à "folga" permitida pela renegociação, será preciso rever algumas prioridades nacionais, "inclusive vendendo quais projetos podem seguir e quais precisam parar".

— O reescalonamento da dívida — disse o professor Celso Furtado — é para reduzir o serviço da dívida e reelaborar um novo programa que coloque tudo em dia.

Ele negou que haja qualquer semelhança entre as crises econômicas do México e Argentina com a do Brasil. "A Argentina está com a economia parada há dez anos e seu endividamento foi feito por especulação e total desgoverno, enquanto o México fez um esforço excessivo para, em cinco anos, criar uma indústria petroleira sem prever uma alta nas taxas de juros e uma súbita baixa na importação de petróleo. Nossa crise é maior que a do México porque a dívida brasileira está mais enraizada na nossa economia, e a da Argentina é mais uma questão financeira."